

## TECELÕES DA PALAVRA DIANTE DA MÁQUINA DE SILENCIAR

WORD WEAVERS IN FRONT OF THE SILENCING MACHINE

Paulo Gleich

**LIVRO: INTERVENÇÕES PSICANALÍTICAS: A TRAMA SOCIAL**

**ORGANIZADORAS: BÁRBARA DE SOUZA CONTE, CLÁUDIA MARIA PERRONE E ENEIDA**

**CARDOSO BRAGA**

**PORTO ALEGRE: CRIAÇÃO HUMANA, 2016, 256 P.**

Fios, tessituras, pontos, nós, malhas, costuras, tramas: estas são algumas palavras do universo semântico da tecelagem que, com o tempo, foram sendo tomadas emprestadas pelos psicanalistas para falar de seu fazer. Assim, passaram a não ser mais estranhas – pelo contrário, muito familiares – aos que se dedicam a este ofício que guarda, em comum com o do tecelão, seu caráter artesanal. Esses significantes também apontam para o detalhe, oculto ao olhar daquele que apenas vê um tecido: este só se compõe pela complexa articulação de pequenos elementos, que apenas assim unidos conformam uma superfície.

Essas palavras também se fazem presentes ao longo das páginas, inclusive no título de *Intervenções psicanalíticas: a trama social*. Até mesmo se materializam na própria edição que, ao escolher expor a costura das páginas em sua lombada, também faz menção à artesanaria e à multiplicidade de fios que a atravessam. São dezesseis os autores que assinam os artigos que compõem o livro, mas muitas mais as vozes que ali se fazem presentes: psicanalistas, artistas, filósofos, pensadores – e, como não poderia ser diferente, também as de sujeitos escutados em diferentes formas de intervenção. Se algo temos a dizer como analistas, é porque alguém aceita nossa oferta de escuta e nos endereça sua fala, compondo esta trama sempre tão singular que é o desenrolar de uma transferência.

A escolha de colocar *trama* no título diz da aproximação do ofício do psicanalista ao do artesão, mas também de um universo muito caro à psicanálise: o da narrativa e da ficção. A trama, o enredo, o discurso remetem àquilo que é nosso mais precioso instrumento, bem como do que nos ocupamos: a palavra. Assim, a trama nos coloca frente à dimensão da complexidade, da composição singular de elementos, mas também ao material de que é composta – a palavra –, em suas diferentes articulações: discursos, línguas, mitos, falas. Uma palavra não é igual a ela mesma, e por isso nosso trabalho com ela é necessariamente artesanal.

O livro é composto por nove artigos de diversos autores, que podem ser lidos independentemente, seguindo uma ordem pessoal, segundo interesses e afinidades temáticas. No entanto, sua organização cuidadosa tece um fio que conduz o leitor por um percurso que merece ser acompanhado, pois estabelece um diálogo entre os textos, criando, assim, uma trama textual singular. As organizadoras – Bárbara Conte, Cláudia Maria Perrone e Eneida Cardoso Braga – convidam o leitor a acompanhar esse fio e, após tê-lo seguido para poder escrever algumas linhas sobre o livro, reforço aos futuros leitores que aceitem o

convite, e acompanhem o caminho proposto por elas. Assim, escolhi também aqui seguir o fio e comentar brevemente cada um dos escritos pelos quais essa caminhada nos conduz.

Iniciamos a trajetória conduzidos pelas mãos das organizadoras, que nos introduzem na trama que o livro se propõe a percorrer: a pertinência – e mais, a necessidade – de a psicanálise ocupar-se daquilo que transcende as paredes do consultório, pois trata-se do próprio tecido que também compõe aquilo que escutamos dos analisandos. Retomam, para tanto, a potência subversiva e disruptiva da psicanálise, que desde seus primórdios se ocupa dos efeitos do inumano – as formas de dominação e supressão do sujeito – sobre o humano. Neste sentido, reafirmam na própria ética da psicanálise sua face política, pois ela não pode eximir-se de apontar os nós e produzir intervalos ali onde a violência das máquinas discursivas tende a produzir silenciamento.

Na segunda parada, Christian Dunker aprofunda as questões sobre estas implicações, interrogando o lugar da própria psicanálise na trama social. Assim, nos conduz pelas transformações no corpo teórico da psicanálise – por exemplo, ao tomar as leituras freudiana e lacaniana do imaginário –, que apontam para importantes deslocamentos ocorridos no seio da sociedade. Ao expor e analisar os diferentes paradigmas éticos e clínicos que sustentam a psicanálise ao longo de sua história, na tensão entre excelência e eficácia, não apenas aponta para a indissociabilidade entre a psicanálise e a própria trama social, mas também convoca os analistas a se ocuparem da necessária reflexão sobre o lugar onde sua intervenção se produz, bem como a direção para onde aponta.

Seguimos nosso percurso acompanhados por Luís Fernando Lofrano de Oliveira, que em seu texto se ocupa, retomando o conceito fundamental de pulsão, em circunscrever o objeto e o campo de intervenção do psicanalista na clínica do social, ou também, como cunhou Lacan, da psicanálise em extensão. Longe de subscrever as posições que diferenciam um campo como próprio da psicanálise, tradicionalmente a clínica individual em consultório, das demais intervenções, sustenta a necessidade de apontar para suas diferenças e limites, através do que também é possível delimitar as possibilidades e potências dessas formas de intervenção.

Na próxima parada, somos provocados por Paulo Cesar Endo com a pergunta: O psicanalista é um intelectual? Ali, o autor convoca os psicanalistas como intérpretes da cultura, situando o lugar de onde se produz essa interpretação: no seio da própria trama, na tensão com os demais saberes, na recusa em estabelecer-se em um cercado epistemológico que preservaria uma pureza e uma suposta fronteira bem demarcada com as demais áreas das ciências humanas. Alerta, também, para as tentações sedutoras que pairam sobre o psicanalista convocado a interpretar seu tempo, sobretudo pela mídia, com seu discurso desimplicado daquilo que veicula, como se não fosse ela mesma intérprete e agente dessa trama. O psicanalista, lembra-nos Endo, não pode ceder à tentação ordenadora das fronteiras estabelecidas, e a potência de sua palavra se mantém somente na medida em que o próprio analista – e a psicanálise – está implicado nela.

Seguimos com Edson Luiz André de Sousa, que retoma o tema das fronteiras para nos lembrar que elas fazem situar fora de nós mesmos o estrangeiro que nos habita – em suas palavras, “a face oculta de nossa identidade”. O tema da identidade é um perigo para o qual nos alerta, seja pelos efeitos de recalcar ou renegar essa face oculta, seja pelo empuxo de produzir, diante do horror e do

indizível, o idêntico, o indiferenciado. Retomando grandes horrores produzidos pela humanidade no século XX, os campos de concentração nazistas e as bombas de Hiroshima e Nagasaki, resgata o testemunho não apenas como potência, mas como necessidade diante da redução ao idêntico proposta pela ciência e pelos números das estatísticas. Lembra que é apenas ao singularizar, ao dar voz de um em um, em vez de tentar produzir o todo, que se preserva a dimensão humana diante da catástrofe – e a possibilidade de acolher o estrangeiro que a lógica identitária busca manter afastada do estranho que habita nosso íntimo.

A acolhida ao estrangeiro é do que se ocupam Miriam Debieux Rosa, Sandra Luzia Alencar e Christian Haritzalde, bem como Alexei Conte Indurski, nos dois textos seguintes, nos quais essa questão ganha materialidade ao ser confrontada com o desafio de acolher aqueles que, pelas mais diversas razões, deixaram para trás sua terra. Para além da singularidade de cada uma das experiências – e de cada sujeito nelas acolhido –, destacam-se pelo menos dois aspectos em comum: a necessidade de poder enlaçar as histórias de cada um à história compartilhada, ao contexto social, resistindo ao empuxo à individualização, bem como a potência do testemunho como operador que permite a criação desse enlace, ao mesmo tempo produzindo as dimensões do singular e do compartilhado. Apontam, assim, o caráter social da intervenção do analista, por incluir na trama também as palavras e experiências daqueles que se veem descosturados dessa trama.

A potência da palavra e do testemunho ganha corpo, ainda, no escrito de Luciane Susin e Maria Cristina Poli, produzido a partir de uma intervenção junto a moradores de uma vila situada no coração de uma grande cidade, que dela foram removidos pelo poder público. Embora habitantes daquela cidade, também compartilhavam da condição de estrangeiros por sua situação de irregularidade e marginalização, denunciando que estas fronteiras que separam cidadão e estrangeiro, central e marginal, habitam um mesmo território. Também ali, a aposta na palavra permite a produção de um habitat simbólico, possível de ser compartilhado e coabitado, frente às políticas de exclusão e higienização.

Ao final do percurso, Jana Gonçalves Zappe e Ana Cristina Garcia Dias dão voz a Anderson, jovem interno de uma instituição de cumprimento de medida socioeducativa que, ao dar palavras a seu sofrimento psíquico, dá voz a tantos outros jovens brasileiros cuja história individual é fruto da extensa trama na qual estão inseridos, e que atravessa várias gerações. Aí, a escuta clínica articula de forma explícita aquilo que acompanha um sofrimento que se tenta, em nossos tempos, individualizar: as condições que transcendem o indivíduo e os desafios que são colocados a todo o corpo social a partir da escuta de uma situação singular.

Encontramos, ainda, no posfácio, as palavras de Ana Costa sobre sua leitura do livro, ressaltando que é desde o mal-estar que o psicanalista se situa, porém sem uma promessa de excluí-lo, como demanda a lógica do consumo. Desse modo, lembra que o conflito subjacente ao mal-estar é não apenas inerente à condição humana, mas também fonte de sua potência criativa, sempre inacabada e incompleta, aberta – como nos convocam os autores a pensar a própria psicanálise e suas possíveis intervenções na trama social.

*Paulo Gleich*  
 Jornalista e psicanalista, membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, colunista do Caderno Vida do jornal Zero Hora.  
 paulogleich@yahoo.com